

LABORATÓRIO BRASIL

Dieta tamanho família

A psicóloga Carmen Benedetti pode ter ajudado a entender uma das causas que levam 30% dos obesos que passam pela cirurgia de redução do estômago a ganhar peso novamente: a alimentação inadequada não só deles, mas de toda a família. Durante seu doutorado com orientação de Carlos Alberto Malheiros e Rosane Mantilla de Souza (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo), ela analisou 42 familiares de 16 candidatos a essa operação na Santa Casa de São Paulo e concluiu que a alimentação do obeso não difere da do resto da família. Metade dos entrevistados dizia incentivar o obeso em sua dieta, mas preço e praticidade pesa-

vam mais na escolha do alimento que seu valor calórico e nutricional. Esses familiares não estavam dispostos a mudar sua própria alimentação para ajudar o obeso, não abdicando nem dos doces e refrigerantes. Em casos de obesidade extrema, conhecida entre médicos como mórbida, a cirurgia de estômago ou gastropластиа é o método mais eficiente de tratamento. Mas sozinha não garante a perda de peso. Mesmo as fortes dores e vômitos

decorrentes dos abusos aos novos limites do estômago não impedem o paciente de achar alimentos calóricos bem tolerados e que o façam ganhar peso. "A família do obeso também come mal. No meu estudo, 50% dos membros apresentam algum tipo de sobrepeso. Não podemos creditar a obesidade só ao indivíduo obeso, políticas de saúde pública que compreendam toda a família seriam muito mais eficazes", diz Carmen.

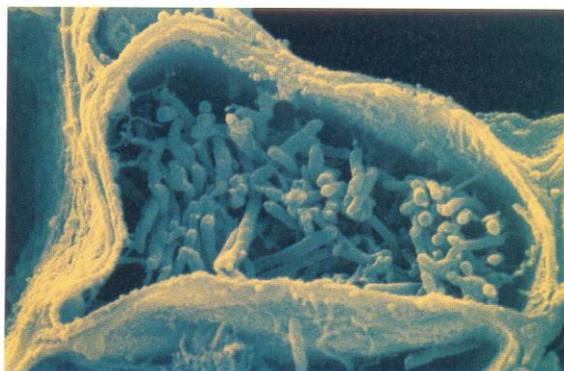


➤ Dragão nos laranjais

A bactéria *Liberibacter asiaticus* acaba de ser registrada pela primeira vez em três dimensões. Ela é uma das duas bactérias que no Brasil causam a doença *huanglongbing* (dragão amarelo, em chinês), antes conhecida como *greening* e letal para laranjas, tangerinas e outros cítricos. O flagra é de Elliot Kitajima (Esalq/USP), integrante de uma equipe coordenada por Marcos Machado, do Instituto Agronômico de Campinas. Descoberta em 2004 no Brasil, a doença vem se alastrando de forma assustadora. Para tentar impedir uma epidemia, Machado e seus colegas buscam desvendar a biologia

da bactéria – inclusive suas relações com o hospedeiro e o meio ambiente – e seu genoma. A intenção é detectar sua presença antes que sintomas apareçam. "Há cem anos o mundo

tenta, sem sucesso, encontrar a cura para a doença", diz Machado. Daí a importância de flagrá-la o mais rápido possível, para eliminar a planta doente antes que outras sejam contaminadas.



Flagra: bactérias infectam vaso que transporta seiva

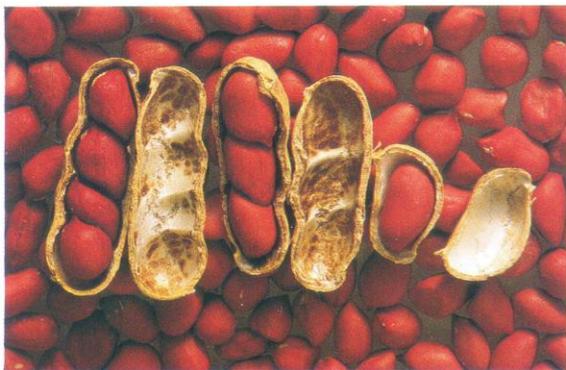
➤ Amazônia, passado e futuro

A Amazônia não é brasileira por acaso. No período colonial, a Coroa portuguesa usou de muita diplomacia e ciência – os melhores cartógrafos da época ajudaram a redesenhar o mapa e incluir a Amazônia em território português. E marcou presença evocando o mapa de Portugal: lá estão Belém, Viseu, Óbidos, Aveiro, Santarém, entre outras. Essa história está na expedição pelo território amazônico que o ecólogo Evaristo Miranda proporciona em *Quando o Amazonas corria para o Pacífico* (Editora Vozes). Processos geológicos,

biológicos e históricos nos últimos 60 milhões de anos fizeram da Amazônia o que ela é hoje, com seus animais, plantas e gentes. Para preservar esse patrimônio, hoje com 25 milhões de habitantes e quase 20% da produção de grãos do país, Miranda defende que é essencial conhecer sua história. O trajeto, baseado em pesquisas recentes, é saboroso: o leitor se embrenha por lendas e relatos e chega ao fim surpreso por tanto tempo e tamanha extensão geográfica caberem em 253 páginas.

▶ Paçoca de risco

Salgado ou doce, inteiro ou moído, o amendoim se destaca entre os petiscos brasileiros. Mas aos olhos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ele não é tão inocente: pode conter aflatoxinas, que causam problemas como câncer no fígado. O grupo encabeçado por Eduardo da Gloria (Esalq/USP) comparou produtos contendo amendoins inteiros (amendoim-japonês)



Aflatoxinas: amendoim nem sempre é petisco inocente

e triturados (paçoca). Encontrou aflatoxina em 25% das embalagens – um quarto delas com teor da toxina acima do limite permitido pela Anvisa. O risco maior está na paçoca, que por ser feita de amendoim moído tem lotes mais homogêneos: se uma paçoca está contaminada, suas vizinhas de prateleira têm grandes chances de estar. Mas nem só no amendoim está a aflatoxina. Luciane Kawashima e Lucia Maria Soares, da Unicamp, avisam que é raro, mas produtos de milho como farinha e canjica também podem ter aflatoxinas (*Ciência e Tecnologia de Alimentos*).

▶ Pastar para preservar

O mosaico de campos e matas de araucária da Serra Gaúcha tem sido substituído por lavouras e pinheiros. Para ajudar a preservar a vegetação original Valério Pillar, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e o alemão Hermann Behling, da Georg-August-Universität, olharam para o passado. Eles usaram pólen e carvão fósseis para reconstruir as alterações pelas quais a vegetação gaúcha passou nos últimos 40 mil anos (*Philosophical Transactions of the Royal Society B*). Em épocas mais secas e com estações bem definidas, os campos predominavam. As florestas de araucária avançaram nos últimos 4.000 anos, quando o clima se tornou mais úmido e sem estação seca. Pólen e carvão contam também que ameríndios trouxeram o fogo à região e os europeus, o gado. E apontam erros nas estratégias atuais de conservação: os campos são uma vegetação única a ser preservada, não substituída por araucárias. Behling e

Pillar defendem que rebanhos bovinos são essenciais para manter a biodiversidade original dos campos gaúchos.

▶ Micose em anfíbios da Mata Atlântica

O fungo *Batrachochytrium dendrobatidis*, que causou extinções de anfíbios em outras partes do mundo, está no Brasil. O grupo de Célio Haddad (Unesp-Rio Claro) encontrou o fungo, causador da quitridiomiose, em girinos de 18 espécies de rãs e pererecas do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro (*South American Journal of Herpetology e Amphibian and Reptile Conservation*). “É preocupante”, diz Luís Felipe Toledo, um dos autores dos artigos. “Como outro grupo de pesquisadores encontrou a doença também em Pernambuco, isso sugere que o quitrídio esteja em toda a Mata Atlântica”, comenta. Os zoólogos ainda não sabem o efeito da doença nos animais brasileiros, mas alertam que é preciso verificar se o fungo existe em outras áreas, como o Cerrado e o Pantanal.



Mata de araucárias: formava mosaicos com campos na Serra Gaúcha original